

IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO DA MORTE POR MEIO DO CORVO DE ALLAN POE

DANIELI RAMOS DOS SANTOS - UNESPAR⁴
Professor Orientador: Michel Kobelinski - UNESPAR⁵

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, o medo mais comum que abomina o subconsciente humano é o medo da morte. Na Idade Média, esse medo já era manifestado de uma forma bem significativa, tanto pelos mitos populares, quanto pela imposição da Igreja na vida cotidiana das pessoas. Delumeau (1989) trata bem dessa questão, também sobre a culpabilidade no Ocidente cristão a partir do pecado e do medo, pois muitos temiam e temem o que acontecerá depois da morte, sendo ela, supostamente, o resultado de suas ações na terra, suas ações durante sua vivência. O imaginário popular dessa época (consequentemente absorvido e reproduzido até a atualidade), era de certa forma curioso, pois mitos e contos adentravam na rotina diária das vivências desses sujeitos, pelos quais podemos analisar algumas de suas simbologias. Aqui será analisada, especificamente, a simbologia da morte, por meio do corvo.

Torna-se pertinente afirmar que o corvo não é tratado e visto apenas pelo viés da negatividade que sua imagem transparece, é importante que saibamos que ele, para muitos povos, é visto como um símbolo de sorte. O que mais provoca curiosidade e aguça o imaginário sobre ele são justamente as características que se tornam mais evidentes, como comer restos de carne, ter plumagem preta, ser uma ave notívaga. Durand (2002, p.92) trata justamente sobre isso, “[...] a noite recolhe na sua substância maléfica todas as valorizações negativas precedentes. As trevas são sempre caos e ranger de dentes”. Sendo assim, podemos facilmente associar a noite ao corvo, por ela ser portadora das trevas, porque se assemelham e se relacionam.

Como foi dito anteriormente, o corvo traz, em algumas de suas representações, aspectos de positividade, por exemplo, na mitologia nórdica, o corvo companheiro do Deus Odin, pelo qual é portador de sabedoria, da poesia, da magia e da guerra.

Na literatura, esse personagem tão ligado à morte, destaca-se, principalmente, na obra de Edgar Allan Poe, intitulado *The Raven* (ou “O Corvo”), pelo qual ficam bem evidentes as dualidades que o corvo representa, começando pelo fato de o conto estar sendo narrado à noite, falando de uma “ave” pela qual pertence ao fator diurno, como citado anteriormente, e “preta” justamente ao contrário, está ligada à noite, à escuridão, às trevas. Vista como um “profeta”, simbolizando o deus Apolo, Deus das profecias, mas também como “diabo”, contrapondo à imagem do bem, também uma ave “agoureira”, remetendo-nos ao imaginário voltado ao azar ao mal.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Demonstrar por meio de algumas simbologias, como o imaginário popular se apropria do corvo como representação da morte.

⁴ Acadêmica do 3º ano de Licenciatura em História na UNESPAR. E-mail: sammet_lady@hotmail.com

⁵ Professor, Mestre e Doutor do colegiado de História da UNESPAR - campus União da Vitória.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Explanar sobre as diversas visões de morte dentro de mitos populares ligados ao corvo;
- b) Discorrer sobre as dualidades que estão inseridas nesse contexto;
- c) Analisar a obra de Poe e, por meio dela, refletir sobre a representação da morte.

METODOLOGIA

Será aplicada como metodologia a pesquisa bibliográfica, possibilitando uma exploração maior acerca do tema aqui tratado e, posteriormente, a análise da obra de Edgar Allan Poe, “O Corvo”.

RESULTADOS ESPERADOS

Esperamos que esta pesquisa sirva como base norteadora para o entendimento mais claro de como o corvo se torna um símbolo de subjetividade e ambiguidade, durante tanto tempo, trazido até os dias de hoje, carregado por muitas dualidades, inseridas no âmbito da representação da morte.

REFERÊNCIAS

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. Companhia de Bolso. 1990.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Lisboa: Presença, 1997.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, 2000, Edições 70.

POE, Edgar Allan. **The Raven (1845)**. Traduzido por Machado de Assis (1883).